

CRIME E VINGANÇA EM *UM CRIME MYSTERIOSO*, DE MARY ELIZABETH BRADDON

CRIME AND REVENGE IN UM CRIME MYSTERIOSO, BY MARY ELIZABETH BRADDON

Valéria Augusti¹
Tassiane Andreza Damião dos Santos²

RESUMO

O presente artigo parte da investigação sobre o processo de circulação e recepção crítica das obras da romancista britânica Mary Elizabeth Braddon (1835 – 1915) na Província do Pará no período compreendido entre os anos de 1880 e 1900 para, em seguida, discutir a problemática do crime da vingança no romance Um crime misterioso, tradução de Henry Dunbar; the story of an outcast, publicado em 1864. Tendo isto em vista, em um primeiro momento faz uma breve apresentação da autora e do gênero romance de sensação. Em seguida, demonstra como seus romances circularam na Belém Oitocentista, seja na forma de romance folhetim, em tradução portuguesa publicada na imprensa local, seja em livrarias e gabinetes de leitura instalados na cidade. Por fim, o artigo discute o papel do crime e da vingança na economia da narrativa, atentando também para o uso do disfarce e da peripécia como estratégias narrativas importantes para a manutenção do suspense.

PALAVRAS-CHAVE: *romance de sensação; Mary Elizabeth Braddon; circulação e recepção.*

ABSTRACT

This article is based on an investigation into the process of circulation and critical reception of the works of British novelist Mary Elizabeth Braddon (1835 – 1915) in the Province of Pará between the years 1880 and 1900, and then discusses the issue of the crime of revenge in the novel Um crime misterioso translation of Henry Dunbar; the story of an outcast, published in 1864. With this in mind, it first provides a brief introduction to the author and the sensation novel genre. It then demonstrates how her

¹ Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2006). Professora adjunta de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Pará e membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Coordenadora do grupo de pesquisa “Esplendores do crime: narrativas de/sobre criminosos (as) do século XIX aos dias atuais”. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4436-4562>

² Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará, Brasil (2022). Doutoranda em Estudos Literários no Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará. Bolsista CAPES – PROEX. Membro do grupo de pesquisa “Esplendores do crime: narrativas de/sobre criminosos (as) do século XIX aos dias atuais”. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3738-6221>

novels circulated in nineteenth-century Belém, whether in the form of serial novels, in Portuguese translations published in the local press, or in bookstores and reading rooms located in the city. Finally, the article discusses the role of crime and revenge in the economy of the narrative, also paying attention to the use of disguise and peripeteia as important narrative strategies for maintaining suspense.

KEYWORDS: *sensation novel; Mary Elizabeth Braddon; circulation and reception.*

1. Mary Elizabeth Braddon e o romance de sensação inglês.

Mary Elizabeth Braddon, rainha do romance de sensação, epíteto pelo qual ficou conhecida, nasceu em Londres, na década de 1830³. Sua relação com o campo das artes foi bem diversa. Aos 17 anos de idade começou a atuar no teatro, assumindo o nome artístico Mary Seyton. Sob esse pseudônimo publica os primeiros poemas nas revistas *Beverley Recorder* e *Brighton Herald*. Além de poemas, também se dedica à escrita de peças teatrais, dentre elas "The Loves of Arcadia", encenada em 1860 (Pykett, 2011, p. 124).

A despeito dessa produção diversificada, que também incluía narrativas breves, o primeiro romance de Braddon, *Three Times Dead*, teria sua publicação iniciada somente em 1860. Contudo, o romance, publicado em partes na imprensa, não obteria o sucesso almejado, sendo, por consequência, descontinuado. No ano seguinte, o editor John Maxwell publicaria o texto, desta feita reescrito e com o título modificado para *The trail of the serpent*. Publicado em três volumes, o formato preferido dos gabinetes de leitura, o romance venderia mais de mil cópias em sua semana de reestrea (Waters, 2003, p. 11).

No que concerne à posteridade, Braddon ficou conhecida por sua produção no campo do romance, sendo considerada uma das maiores representantes de um gênero que pouco prestígio angariou na opinião da crítica literária: a *sensation novel* – ou, em português, o romance de sensação. Há um certo entendimento de que esse gênero teria recebido essa nomenclatura em virtude da crença no fato de que sua leitura seria capaz de produzir sensações fisiológicas similares àquela vivida pelos personagens. Inquietações, medo e nervosismo comporiam o rol dessas experiências sensoriais a que o leitor estaria sujeito ao se deparar com uma narrativa do gênero. Outro aspecto importante desse gênero, intrinsecamente associado a essas sensações, seria justamente o suspense. A publicação seriada nos periódicos facilitava e contribuía significativamente para a manutenção desse artifício narrativo, mantendo o público leitor curioso acerca do que aconteceria na publicação subsequente, estratégia essa fundamental para o aumento das vendas e para a circulação das obras. Não bastasse isso, as temáticas desse tipo de narrativa mantinham uma relação estreita com as notícias sensacionais que ganhavam as páginas dos periódicos: crimes como assassinatos, fraudes e adultério envolvendo, principalmente, a burguesia, saltavam do mundo da notícia para o da ficção (Black, 2010, p. 79).

É preciso dizer que, da perspectiva genealógica, os críticos literários britânicos, como as pesquisadoras Winifred Hughes e Lyn Pykett, costumam atribuir a William Wilkie Collins (1824 – 1889) o papel de autor da obra primogênita no campo do romance de sensação serializado na Inglaterra: *The woman in white*, publicado nos anos

³ Londres, 4 de outubro de 1835 – Richmond, 4 de fevereiro de 1915.

de 1859 e 1860. O segundo romance teria sido *East Lynne*, de autoria de Ellen Wood (1814 – 1887), publicado entre 1860 e 1861 e o terceiro, *Lady Audley's secret*, de Mary Elizabeth Braddon, inicialmente publicado em 1861 na revista *Robin Goodfellow* e, posteriormente, em 1862, na *Sixpenny Magazine*.

Dessa genealogia nos interessa particularmente Mary Elizabeth Braddon, não apenas porque alcançou enorme popularidade em seu país, mas também porque recebeu a alcunha de “Rainha da Sensação”, algo muito compreensível quando se considera que publicou aproximadamente oitenta títulos do gênero. Interessa-nos mais ainda porque vários exemplares de sua produção ficcional circularam em gabinetes de leitura e periódicos do Brasil Oitocentista, seja em sua língua de origem, seja em traduções para a língua portuguesa, conforme se mostrará a seguir.

2. Circulação e recepção de Mary Elizabeth Braddon na imprensa periódica do Pará (Século XIX)

É certo que a prosa de ficção francesa teve ampla circulação da Província do Pará no Oitocentos⁴, estando presente em periódicos e gabinetes de leitura nesse período. Contudo, é preciso dizer que nesses mesmos periódicos e gabinetes o leitor paraense podia encontrar também exemplares de prosa de ficção inglesa que faziam sucesso nos países europeus. Dentre os inúmeros autores que produziam ficção em língua inglesa estava, justamente, Mary Elizabeth Braddon. Para se ter uma idéia, foram encontrados entre os anos 1880⁵ e 1900 anúncios de venda de exemplares traduzidos de seus romances, comentários sobre a autora e, também, publicação de suas obras em formato folhetim nos mais diversos jornais.

A nota mais antiga encontra-se no jornal *O Liberal do Pará* em edição do dia 3 de outubro de 1880. Nessa nota, consta que a autora estaria em uma “lista de espera” para compor a mesa de um “Congresso Litterario” ocorrido em Lisboa naquele ano. A notícia menciona diversos autores e apoiadores que compuseram a mesa permanente do congresso, que teve como presidente de honra Victor Hugo e como presidentes efetivos o José Maria Torres Caicedo, diplomata colombiano que na época era ministro de São Salvador em Paris; e Pierre Zaccone, romancista francês. Cabe assinalar que a mesa do evento, cujo objetivo consistia em discutir a defesa da propriedade literária, indo de encontro à prática de traduções sem autorização dos autores, era organizada por uma comissão composta por membros de diversas nacionalidades, inclusive por brasileiros, como o Visconde de Taunay.⁶

Também em 1881, no jornal *A Constituição - Órgão do Partido Conservador* uma nota informa que Braddon estava à frente de um empreendimento editorial que consistia em abreviar os romances de Sir Walter Scott. O comentário do editor sugere que as obras do autor britânico – anteriormente lidas por operários e camponeses –, possuíam muitas páginas, razão pela qual a supressão de parte delas era um “traço do tempo e da transformação do gosto do público”. Ademais, os exemplares resumidos da obra seriam vendidos por 40 réis, valor considerado baixo:

⁴ Sobre a presença da prosa de ficção francesa na Província do Pará, cf: <https://parisnaamerica.org/about-us/>

⁵ Essa é a data mais antiga referente às pesquisas na Hemeroteca Digital.

⁶ Infelizmente, por conta de danos no jornal, não é possível ler a notícia na íntegra.

Trata-se de publicar em Inglaterra uma edição *abreviada*, a 40 rs. o volume dos romances de Walter Scott, Miss Braddon, a romancista fecunda, está a frente desta empresa. É um bom traço do tempo e da transformação do gosto do público a ideia de suprimir as páginas longas de Walter Scott. O homem, cujas obras, há 50 anos, figuravam nas casas dos operários e dos camponeses da Inglaterra e da Escócia ao lado da Bíblia, não se suporta já senão sendo reduzido por Miss Braddon e custando um pataco! Sic transit gloria mundi (Transcrição de *A Constituição - Órgão do Partido Conservador* em 9 de novembro de 1881).

A notícia acima interessa não somente porque evidencia a atuação plural de Braddon no universo da edição, mas também porque acaba por testemunhar como o mercado de edição procurava se adaptar a novos públicos, criando edições mais baratas porque mais reduzidas e, muitas vezes, publicadas em novos formatos e em papel barato.

O jornal paraense com mais ocorrências de anúncios de obras de Mary Elizabeth Braddon foi o *Diário de Belém - Órgão especial do commercio*⁷. Nas edições concernentes ao ano de 1885 foram encontrados cinco anúncios do romance *O segredo terrível* vendidos em dois volumes pelo preço de 500 réis cada volume. Essa obra fazia parte de uma coleção editorial denominada “Bibliotheca de romances baratos”, que pretendia vender obras a preços supostamente módicos, “ao alcance de todas as bolsas”:

Eis a grande maravilha da época! De hoje para o futuro ninguém deverá dar mais de 500 réis por cada volume de romance; por este preço, ainda os menos endinheirados poderão possuir uma biblioteca de bons livros, de leitura amena, instrutiva e de recreio. Há muito era sentida a falta de livros ao alcance de todas as bolsas; a Bibliotheca de Romances Baratos vem preencher esta falta, propondo-se vender pela insignificante quantia de 500 réis volumes em 8º francês com mais de 250 páginas, o que até aqui só se obtinha pela quantia de 2\$000 e 3\$000 e mais (*Diário de Belém - Órgão especial do commercio*, 19 de abril de 1885).

Novamente estamos diante de um movimento importante do mercado editorial, que se fez sentir nos mais diversos países naquele fim de século. Da França a Portugal, o esforço dos editores consistiu, justamente, em encontrar meios de tornar o objeto livro mais acessível ao leitor que, nos principais países europeus, se alfabetizava (Augusti, 2013). O circuito produzido pelas coleções editoriais, parte delas composta por traduções nem sempre com paga de direitos em virtude das dificuldades em fazer emplacar as convenções internacionais que os garantissem, por certo procurava dar conta de um público leitor que progressivamente se alfabetizava.

Aos poucos, as obras de Braddon vão se diversificando no mercado de livros da cidade de Belém. Em 1888, o *Jornal das Novidades* anuncia a venda, pela Livraria Bittencourt, do romance *Um crime misterioso*, tradução portuguesa do original intitulado *Henry Dunbar; the story of an outcast* (1864). Além dos anúncios de

⁷ Criado em 03 de agosto de 1868 por Antônio Francisco Pinheiro, o *Diário de Belém - Órgão especial do commercio* foi um jornal diário que por vezes contava com mais de uma narrativa sendo publicada em suas colunas. A circulação do jornal se deu até 1892 (Rodrigues, 2015).

romances traduzidos e notas sobre outros trabalhos de Mary Elizabeth Braddon, os jornais paraenses também publicaram seus romances em folhetim.

No ano de 1885, O *Diário de Belém - Órgão especial do commercio* publica *O segredo terrível*.⁸ Empenhado no engajamento de seu público, o editor do jornal faz um texto de teor publicitário, apresentando o romance de Braddon. A respeito dele comenta: “certamente será com muito entusiasmo acolhido” principalmente pelas mulheres. A seu ver, *O segredo terrível* consistia em uma “obra-prima, de grandes lances, de imaginação, de estilo elegante, ameno e fácil para todas as inteligências e sobretudo de uma moral bastante elevada e que se impõe a todos os corações” (*Diário de Belém - Órgão especial do commercio*, 10 de maio de 1885). Não bastasse isso, afirma, seria comparável ao *Idiota* de Émile Richebourg, que já havia feito sucesso no próprio periódico em 1882. O editor também tece comentários acerca do protagonista, que considera “sedutor despeitado, vingativo e abjeto” e da “lição de moral” que o texto contém:

O novo folhetim – Encetamos hoje a publicação de um romance magnífico de M. E. Braddon, denominado – *O Segredo Terrível*, que certamente será com muito entusiasmo acolhido pelos nossos leitores, em especial pelas nossas leitoras; tanto mais, quando é este romance uma obra-prima, de grandes lances, de imaginação, de estilo elegante, ameno e fácil para todas as inteligências e sobretudo de uma moral bastante elevada e que se impõe a todos os corações. Este romance é do mesmo [ilegível] que a *Idiota* de Emilio Richebourg, que publicamos em 1882 e que tanto agradou-se o público. Dizem-nos que o protagonista é um sedutor despeitado, vingativo e abjeto, que, vivendo do crime e de todas as infâmias, pretende macular por vingança a honestidade da inocente vítima de seu infeliz amor, a qual é uma senhora casada, imagem sublime das mais belas virtudes. Os assaltos que seu sedutor dá em sua honra são sucessivamente frustrados pela superioridade fatal, que sempre têm as consciências puras sobre aqueles que, na corrupção de seus atos, contra elas abusam de tudo para investir com escândalo. Proporcionamos, portanto, aos nossos assinantes a leitura de *Segredo Terrível*, que é uma agradável lição de moral (*Diário de Belém - Órgão especial do commercio*, 10 de maio de 1885).

As considerações do editor, que aos leitores do século XXI podem soar estranhas, faziam todo o sentido em um contexto histórico no qual a leitura de romances por mulheres causava desconforto e provocava temores naquele século.⁹ Imagine-se então o que pensavam a respeito do contato com esse tipo de romance em particular, cujo enredo se pautava nas investidas de um sedutor sobre uma senhora casada e infeliz.

⁸ A versão original desse romance, em língua inglesa, também foi publicada em folhetim, com o título *The banker's secret*, nos periódicos *Welcome Guest* e *Halfpenny Journal* entre os anos de 1864 e 1865. Em seguida, a obra foi editada e publicada em formato livro, em três volumes, no ano de 1867, com novo título, *Rupert Godwin*.

⁹ A esse respeito cf. ABREU, Márcia. **Os caminhos dos livros**. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2003.

Não resta dúvida de que era preciso garantir aos leitores – muitos dos quais homens – de que não havia perigo algum, pois o vilão seria punido e a moral preservada.

A *Folha do Norte*, um dos jornais paraenses de maior circulação desde a sua criação em 1896 (Seixas, 2013) também publicou romances de Braddon em folhetins. Foi nas páginas desse periódico que, em 1896, *Um crime misterioso* veio à luz em partes lançadas diariamente. Ao anunciar a publicação da obra, o editor do jornal também achou necessário tecer alguns comentários judicativos. A respeito da obra, afirmou-se tratar de um romance de “grande nomeada e reputação”, escrito por uma escritora inglesa também muito produtiva e famosa:

UM CRIME MYSTERIOSO – romance de grande reputação, da lavra de Miss Marie-Elizabeth Braddon, uma das escritoras inglesas mais férteis e lidas, em cujas obras predominam o encanto e a delicadeza próprios da mulher, aliados à engenhosa feitura literária, que tantos atrativos encerram para a curiosidade de quem as lê. UM CRIME MYSTERIOSO – cujo título original é HENRY DUNBAR é um drama sensacional que os leitores da ‘Folha’ hão de ler com avidez e prazer, do primeiro ao último capítulo (*Folha do Norte*, 19 de setembro de 1896).

Vários aspectos dessa nota precisam ser observados. Em primeiro lugar, o fato de enfatizar a adequação do romance à leitura de mulheres, algo que o editor tenta garantir afirmando que nas obras da autora seriam notáveis o encanto e a delicadeza supostamente próprios das mulheres, ou seja, que nada haveria a temer. Não obstante, ele não para aí, acrescentando duas outras informações: a de que tratar-se-ia de um “drama sensacional” cujo título original seria *Henry Dunbar*. Ambas informações são importantes porque nesse fim de século a terminologia ‘romance sensacional’ já ganha as páginas dos periódicos brasileiros e ajudava a vender, e a outra porque, de fato, marcava de forma clara a origem estrangeira do romance.

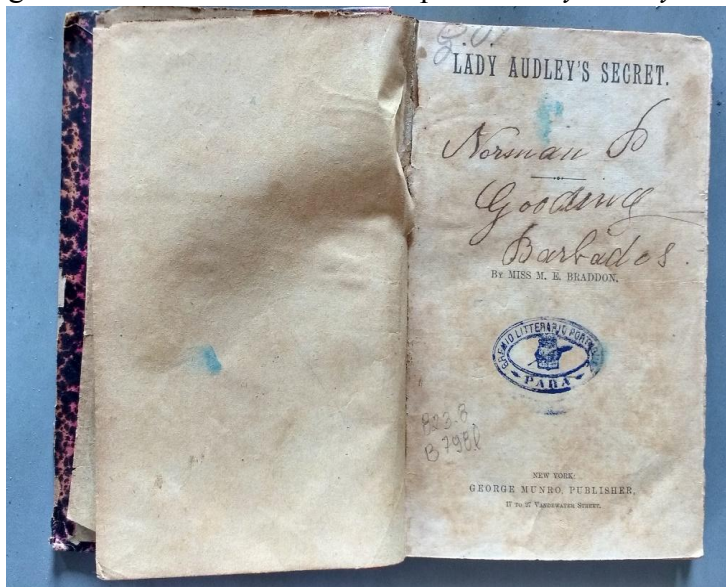
O século findava quando, em 1900, o periódico *O Jornal* publicou a tradução portuguesa, intitulada *O rastro da serpente*, do primeiro romance escrito pela autora, *The trail of the serpent*. Contudo, a leitura das obras da autora pelo público leitor paraense não se restringia aos folhetins dos jornais e aos exemplares disponíveis para a venda em livrarias. Conforme veremos adiante, as obras de Mary Elizabeth Braddon circularam também em gabinetes de leitura.

3. Mary Elizabeth Braddon no Gabinete Literário Português do Pará.

Os pesquisadores do campo da história do livro e da leitura, como Schapochink (1999), já discutiram amplamente o papel dos gabinetes de leitura no que concerne ao acesso facilitado às obras por parte daqueles que, no século XIX, não tinham meios para adquirir livros. Na Europa, esses gabinetes, que receberam os mais diversos nomes a depender do país onde se instalaram, ganharam importância significativa nas grandes cidades. O mesmo aconteceu no Brasil, em cujas capitais essas instituições foram criadas com vistas a atender um público leitor com poucos recursos financeiros (Schapochink, 1999). Em Belém não foi diferente. A comunidade portuguesa tratou, em 1867, de se juntar a essa grande voga e fundou o Grêmio Literário Português do Pará, comprando os livros para o acervo diretamente do livreiro português Antônio Maria Pereira, instalado na cidade de Lisboa (Augusti, 2009). É no acervo dessa biblioteca,

cujos livros atravessaram o Atlântico em barcos a vapor, que os romances *Lady Audley's secret* e *Um crime misterioso*, versão portuguesa do romance *Henry Dunbar, the story of an outcast* se encontram atualmente. A edição em língua inglesa, como se verá na imagem a seguir, traz uma anotação à caneta na folha de rosto. Essa anotação sugere que o livro possa ter pertencido, em algum momento, a um tal Norman Goodwing, muito provavelmente residente em Barbados. Não há documentos que o comprovem, mas é possível que tenha sido doado ao Grêmio por esse leitor.

Imagem 1 – Folha de rosto do exemplar de *Lady Audley's Secret*



Fonte: Acervo do G. L. P. P.

No que concerne aos dados editoriais desta edição, o exemplar de *Lady Audley's secret* foi publicado em Nova York por George Munro (1825 – 1896), um dos mais conhecidos editores dos Estados Unidos no século XIX. George Munro foi responsável pela publicação da coleção editorial intitulada *The Seaside Library*. Essa coleção tinha como propósito publicar romances norte-americanos e europeus em edições populares, ou seja, vendidas a preços baixos:

George Munro ganhou fama mundial como editor da *Seaside Library*, uma coleção de livros de literatura inglesa e europeia com capa de papel barato, que alcançou proeminência e popularidade durante a última parte da década de 1870, e continuou a vender em grande número na década seguinte (Shove, 1937, p. 56. Tradução nossa).¹⁰

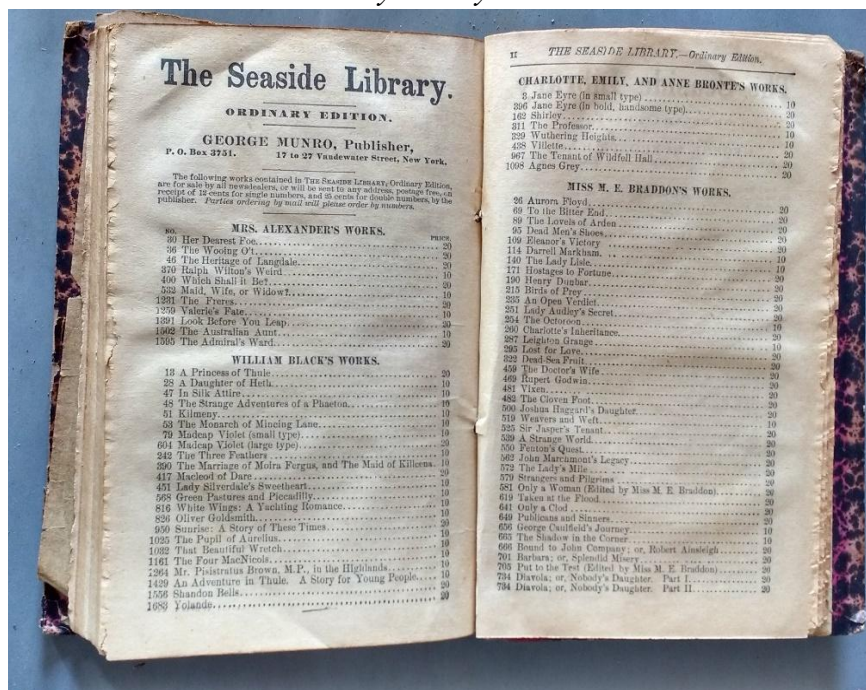
As primeiras obras publicadas, em 1877, pela coleção *The Seaside Library*, incluem *East Lynne* de Ellen Wood, um dos primeiros romances de sensação ingleses. Outros romances desse gênero seriam publicados na coleção, inclusive os de Mary Elizabeth Braddon. É importante notar que os volumes dessa coleção traziam, ao final da obra, a lista dos livros publicados pela editora de George Munro. Em fontes

¹⁰ "George Munro gained world-wide fame as the publisher of the Seaside Library, a collection of cheap paper-covered books of English and European literature, which attained prominence and popularity during the latter part of the 1870's, and continued to sell in large numbers in the following decade."

garrafais, o título da coleção *The Seaside Library* –, é seguida pela notação *Ordinary Edition*, sugerindo se tratar de edições baratas. Logo abaixo, o nome do editor e o endereço da empresa. Em letras menores ainda, o texto sobre as condições de compra e envio das obras. Poder-se-ia afirmar que a publicização do catálogo da coleção editorial ao final da obra consistia em uma estratégia importante de venda das obras. Se o leitor tivesse gostado do romance que acabara de ler e estivesse disposto a ler outras obras do mesmo autor ou da mesma coleção, bastava escolhê-la e solicitar ao editor que a enviasse pelo correio.

É graças a essa estratégia publicitária que podemos saber que quarenta e nove romances de Mary Elizabeth Braddon, incluindo seus sucessos *Aurora Floyd* e *Henry Dunbar*, foram publicados nesta coleção de livros baratos, ou seja, em uma coleção destinada a leitores que poucos recursos teriam para comprar um exemplar ricamente ornado.

Imagem 2 – Catálogo da *The Seaside Library* encontrado na folha de rosto do exemplar de *Lady Audley's Secret*



Fonte: Acervo do G. L. P. P.

Publicado em 1864 em Londres, o romance *Henry Dunbar; the story of an outcast* é o oitavo romance da extensa lista de produções de Mary Elizabeth Braddon. É importante assinalar que o primeiro título atribuído a essa narrativa foi *The outcasts*, que significa os marginalizados ou os excluídos. Porém, assim como ocorreu com outros de seus trabalhos, ao título definitivo foi acrescido o nome do protagonista, nesse caso em específico, Henry Dunbar. A primeira publicação do romance, ainda com o título de *The outcasts*, se deu em formato folhetim no *The London Journal; and Weekly Record of Literature, Science and Art*, uma revista barata e, por consequência, bem popular. Posteriormente a obra foi reeditada e publicada em três volumes pelo editor John Maxwell, recebendo o título pelo qual a conhecemos atualmente (Talairach-Vielmas, 2015).

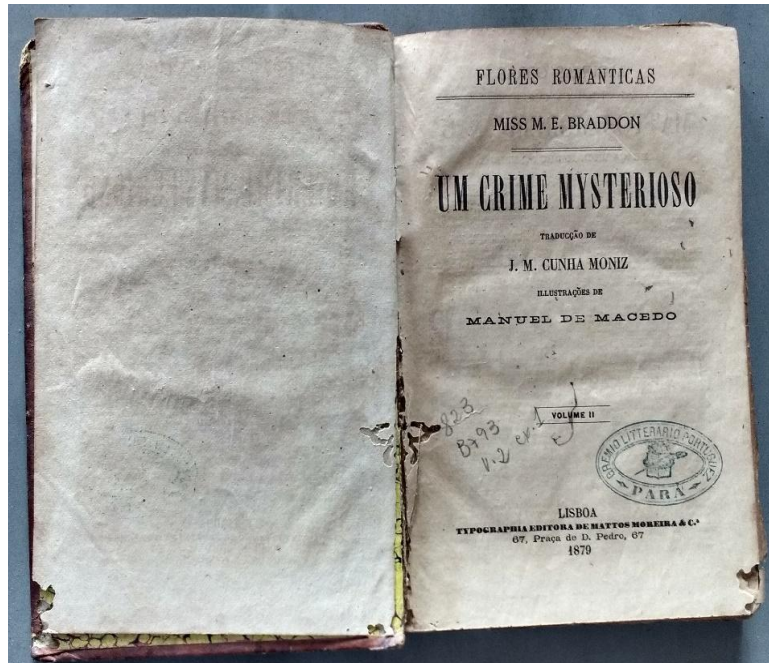
No que concerne à narrativa propriamente dita, pode-se afirmar que sofreu algumas modificações se comparada à primeira versão, publicada em periódico. As principais dizem respeito à trama e a alguns dos personagens secundários. Na primeira versão há um triângulo amoroso entre Laura Dunbar, Sir Philippe Jocelyn e Arthur Lovell. Além disso, o tom é sombrio, envolvendo o assassinato da primeira esposa de Sir Philippe Jocelyn e a sua própria morte.

A versão do texto publicado em volume, cuja tradução analisaremos, se tornou definitiva, sendo mantida nas edições subsequentes. Nessa versão, pelo menos dois personagens – a esposa de Sir Philippe Jocelyn e seu assassino – são excluídos da narrativa e o triângulo amoroso desaparece, dando lugar ao amor platônico de Arthur Lovell por Laura Dunbar.

O romance *Henry Dunbar* chega à biblioteca do Grêmio Literário Português do Pará em uma edição traduzida para o português e publicada em dois volumes com o título "Um crime *mysterioso*". A tradução, realizada por J. M. Cunha Moniz, é publicada em Lisboa no ano de 1879, no interior da coleção 'Flores Românticas' da Typographia Editora de Matos Moreira e Cia, localizada, à época, na Praça de D. Pedro, 67. As oito ilustrações, quatro em cada volume, são de autoria de Manuel Maria de Macedo (1839 – 1915) conservador do Museu Nacional de Belas Artes e professor de desenho do Instituto Industrial de Lisboa.

Como se percebe, houve uma mudança significativa do título original na tradução em língua portuguesa. Esse tipo de modificação é uma prática comum do século XIX, podendo denominá-la de tradução cultural, uma vez que o tradutor faz os arranjos considerados necessários para que o texto, ao ser vertido para outra língua, se torne compreensível e atraente para o leitor da cultura de destino. Outras mudanças no texto se referem aos nomes de personagens que ganharam uma versão aportuguesada: Henry Dunbar se tornou Henrique Dunbar, Joseph Wilmot foi traduzido para José Wilmot, Margaret para Margarida e Hugh para Hugo. Em relação ao enredo, não notamos, na versão traduzida, diferenças significativas com relação ao original, tanto os nomes de lugares quanto as referências à moeda britânica permaneceram na língua de origem.

Imagem 3 – Folha de rosto do exemplar de *Um crime misterioso*



Fonte: Acervo do G. L. P. P.

Apesar da reduzida quantidade de títulos da autora encontrados no gabinete de leitura paraense, percebe-se que ela não era desconhecida do público leitor, já que dois de seus romances mais famosos circulavam na língua original e traduzidos para o português. É sobre essa tradução e alguns aspectos do gênero de sensação que trataremos a seguir.

4. Henry Dunbar: Um crime misterioso

A trama de *Henry Dunbar: Um crime misterioso* gira em torno de um assassinato acontecido na cidade de Winchester, localizada no condado de Hampshire, na Inglaterra. Outros crimes, como roubo de diamantes e falsificação de notas também fazem parte da trama. O envolvimento de um famoso e bem-sucedido banqueiro no crime acrescenta à trama a problemática da relação entre as classes sociais e a justiça. O assassinato toma proporções incomuns e se torna famoso devido à participação do herdeiro Henrique Dunbar que, apesar de ser o único suspeito, acaba por não sofrer punições judiciais significativas. A ineficiência e seletividade da atuação da polícia britânica no caso se dá em virtude do fato de o sujeito da autoria do crime pertencer a determinada classe social, a burguesia. Assim, como ocorre em outros exemplares de *sensation novels*, o romance em questão coloca a burguesia, representada por Dunbar, no centro da narrativa, envolvendo-a em crimes e falsificações.

O primeiro volume de *Um crime misterioso* é constituído por vinte e cinco capítulos com diversos focos narrativos. A narrativa se inicia com a descrição da afortunada casa bancária das Índias Orientais *Dunbar, Dunbar & Balderby*, cujo escritório está sediado em Londres. Os três sócios, que dão nome à empresa, são Hugo Dunbar, Percival Dunbar e Stéphen Balderby. Após o falecimento dos irmãos Hugo e Percival, o único filho de Percival Dunbar, Henrique Dunbar, se torna herdeiro da casa bancária e de uma esplêndida fortuna.

A narrativa se inicia temporalmente em 15 de agosto de 1850, momento em que Clemente Austin e Sampson Wilmot, dois empregados da casa bancária, além de Balderby, reúnem-se para decidir quem recepcionaria o novo dono, que retorna às terras inglesas após trinta e cinco anos de exílio na Índia: “Henrique Dunbar havia partido para Calcutá trinta e cinco anos antes, e desde então fora sempre empregado na sucursal da casa, primeiro como caixeiro, mais tarde como chefe e diretor” (Braddon, 1879, p. 6). Sua partida da Inglaterra não se deu por vontade própria, mas sim em virtude de seu envolvimento em um crime de falsificação de notas bancárias cometido em 1815. Com a ajuda de um cúmplice, Henrique Dunbar comete o crime com o objetivo de obter dinheiro para pagar dívidas de jogo:

Tinha feito uma assinatura falsa, ou antes, um seu cúmplice, em cumprimento de ordem dele, tinha falsificado a assinatura de um mancebo filho de família respeitável, oficial como Henrique, e do mesmo regimento, e pusera em circulação letras falsas, cuja importância total subia a três mil libras esterlinas (Braddon, 1879, p. 6).

Na época, o escândalo das assinaturas foi evitado pelo tio e pelo pai de Henrique de forma a não manchar o sobrenome da família Dunbar. No entanto, a ilegalidade teve consequências, já que Henrique foi enviado para o exílio em Calcutá. Cúmplice de Dunbar, o jovem José Wilmot não teve a mesma sorte. Após ser expulso de seu emprego na casa bancária, Wilmot, com apenas dezoito anos e sem expectativas, entrega-se a uma vida de delitos, sendo condenado posteriormente por falsificação de notas e enviado para a prisão de Norfolk, de onde escapa.

José Wilmot, ao descobrir que seu antigo patrão e companheiro, havia voltado para Inglaterra, realiza um plano para se vingar e retornar à sociedade. Assim, o personagem comete um assassinato e troca de identidade com Henrique Dunbar, ficando com sua herança e propriedades.

Dessa maneira, o personagem principal do romance *Um crime misterioso* não é um herói romântico e nem um detetive sagaz. José Wilmot, que passa mais da metade da narrativa sendo identificado como Henrique Dunbar, é um personagem mais complexo. Assim como personagens de outros romances de sensação de Mary Elizabeth Braddon, o protagonista provoca ao mesmo tempo empatia e desejo de justiça no leitor.

Wilmot guarda um segredo, é um falsificador e assassino, troca de identidade com sua vítima, usufruindo de um dinheiro que não é seu, além de escapar de um agente da Scotland Yard por mais de uma vez. Por outro lado, a forma como a vida de Wilmot é narrada parece se constituir em uma crítica ao modo como as aparências ou o dinheiro podem modificar o tratamento social dado a certas pessoas. Ao final da trama, o personagem se redime pelo amor a sua filha, Margarida Wilmot, e morre como um membro respeitável da sociedade.

5. Crime, vingança e injustiça social

No romance, o crime envolve dois personagens, cada um deles pertencente a uma classe social distinta. O homem rico, Henrique Dunbar, prestigiado pela sociedade em virtude da posição que nela ocupa, e um homem pobre, José Wilmot, funcionário do

primeiro, envolvido em crimes e punido por eles. A tensão da trama se sustenta em dois pilares: o primeiro deles é o acaso ou as coincidências providenciais, que favorecem o criminoso e o andamento da narrativa. O segundo é a motivação de José Wilmot para realizar seu plano, motivação essa ligada ao fato de o personagem se sentir marginalizado socialmente.

Wilmot espera o momento oportuno para cometer o crime contra Henrique Dunbar, porém as condições para que isso pudesse ocorrer dependem em grande medida do acaso. Se alguém na Inglaterra conhecesse o verdadeiro banqueiro, por exemplo, a troca de identidades teria sido impossível. Para a concretização dos planos de Wilmot foi necessário, assim, que Sampson Wilmot, irmão de José, morresse e Laura Dunbar, filha de Henrique, não reconhecesse o pai.

Os poucos momentos em que o enredo não favorece o assassino se dão com o aparecimento de Major Vernon, um ex-detento que conhecia José Wilmot, e um acidente de trem que impede Wilmot de fugir da Inglaterra. A despeito disso, o personagem é extremamente ágil em se adaptar às condições em que se encontra. Para Hughes (2002), esse esquema de coincidências e acidentes era comum nas narrativas de sensação:

Para os romancistas de sensação – tateando em direção aos segredos contidos no romance realista, determinados a perturbar seu célebre equilíbrio – enredo significava acidente em vez de lógica, coincidência em vez de consequência. Ação e evento, tanto o que aconteceu no passado em segredo quanto o que vem a seguir, foram valorizados como fins em si mesmos. O suspense foi parafusado até o ponto crítico e a crise tornou-se uma rotina narrativa (Hughes, 2002, p. 265. Tradução nossa).¹¹

As diversas situações em que Wilmot se vê na iminência de ter sua identidade descoberta instauram sucessivas crises na narrativa, “parafusando o suspense”, como observa Hughes. Tudo que envolve o personagem tem origem no passado, mais precisamente na relação entre ele e Dunbar. O verdadeiro Dunbar, quando ainda jovem, fez de José seu companheiro, tratando-o aparentemente de igual para igual, ainda que pertencessem a classes sociais distintas. O jovem José Wilmot acreditava que Dunbar era de fato seu amigo e não apenas seu patrão, gerando uma expectativa de proteção frustrada quando Dunbar o denuncia como autor das assinaturas falsas, provocando sua expulsão da casa bancária. A perspectiva de Wilmot após a traição de Dunbar muda sua vida completamente.

Remoendo esse sentimento de traição cometido contra ele pelo herdeiro de Maudesley Abbey, José Wilmot afunda cada vez mais em uma existência de frustração e criminalidade. Sua primeira aparição quando jovem e a reaparição mais velho no encontro com Sampson Wilmot sugerem um homem amargo e melancólico, cuja sede de vingança o impede de sentir empatia pelo próprio irmão. Alguém que cometeria um assassinato sem remorsos e tomaria a identidade da vítima. Sem dúvida, nesse momento, José Wilmot poderia ocupar o papel de vilão na narrativa. No entanto,

¹¹ For the sensation novelists – groping toward the secrets contained by the realist novel, determined to disrupt its celebrated equipoise – plot meant accident rather than logic, coincidence rather than consequence. Action and event, both what had happened in the secret past and what would happen next, were valued as ends in themselves. Suspense was screwed to the sticking point, and crisis became narrative routine.

conforme sua identidade como Henrique Dunbar vai se tornando mais bem elaborada, as razões que o teriam transformado em um criminoso vão sendo exploradas, afinal, Wilmot, o homem pobre, em certa medida inocente, porque auxilia o patrão a cometer o crime a seu pedido, cumpre pena de prisão por delitos posteriores ao da primeira falsificação, enquanto o homem rico vive em liberdade, ainda que longe da família, e encontra uma forma de não ser punido pela justiça.

A primeira etapa da vida do personagem José Wilmot remete ao momento em que ele era um rapaz de dezoito anos que, apesar de não ser de família rica, teve uma boa educação. Após sofrer a influência negativa de Henrique Dunbar, Wilmot se torna uma vítima de seu patrão, sendo assim o jovem acaba por cometer um erro que compromete seu futuro:

– É verdade; tão novo ainda, viu toda a sua existência perdida na desgraça. Aquela má ação foi sua perda, pois que, se bem que não foi entregue à justiça, ficou perdido de reputação e nunca mais alcançou emprego decente. Foi de mal a pior, e, três anos depois que o sr. Henrique embarcou para a Índia, meu irmão José foi condenado no tribunal, por falsificação de notas do Banco da Inglaterra, a degredo perpétuo (Braddon, 1879, p. 11).

José Wilmot se torna motivo de desgosto para sua família, causando a morte de sua própria mãe e a vergonha de seu irmão mais velho que, após alguns anos, deixa de receber notícias da prisão. Após dez anos no cárcere, José Wilmot é dado como morto: “– Durante os primeiros anos de degredo, escreveu-nos de tempo em tempo, queixando-se amargamente da sua sorte, há, porém, vinte e cinco anos que não recebo notícias dele. Não posso, pois, duvidar da sua morte. Pobre José!” (Braddon, 1879, p. 11).

Após trinta e cinco anos do acontecimento-chave que o leva a cometer um crime – as assinaturas falsas –, José Wilmot reaparece com o nome de James Wentworth, um viúvo pobre que cuida sozinho de sua filha Margarida. James Wentworth é um pária social, um homem andrajoso, contrariado e de poucos amigos, cuja única meta de vida é vingar-se de quem havia lhe feito mal no passado.

Eu devia ter sido alguma coisa melhor. Devia e podia, talvez, se não fosse um homem, não, um vil celerado, cuja traição destruiu a minha reputação e me deixou isolado no mundo, lutando contra a sociedade. [...] Um homem que começou a sua carreira com um nome honrado, e um bom futuro diante de si, vê-se de súbito, em consequência de um erro só, arrojado para o meio de uma sociedade implacável, que lhe lança constantemente em rosto a sua falta. Sem nome, sem amigos, sem reputação, é obrigado a recomeçar a vida, tendo contra si o desprezo de todos os homens. Torna-se o pária da sociedade (Braddon, 1879, p. 23).

James Wentworth vive marginalizado, sem perspectiva de conseguir o mínimo para subsistência por conta do preconceito social envolvendo seu passado. Condenado judicialmente, sentia-se, também, condenado pela sociedade: “Não há perdão para o homem que cometeu uma falta que foi descoberta. Concede-se que ele cometa todos os

crimes conhecidos, contanto que esses crimes tragam proveito e que esse proveito seja repartido pelos seus cúmplices” (Braddon, 1879, p. 25). Se trocar de nome não surtira o efeito que queria, era, portanto, necessário trocar de identidade com alguém que sempre era aceito socialmente.

O plano do personagem consistia, portanto, em uma ação desesperada de quem não tinha mais o que perder. Contando com o acaso, José Wilmot\James Wentworth abandona sua vida, sua filha e seu irmão para conseguir realizar dois crimes: o assassinato do banqueiro Henrique Dunbar e a troca de identidade com a vítima, com o intuito de ficar com toda a sua fortuna. A transformação em Dunbar ocorre antes mesmo do assassinato, quando Wilmot se livra de sua identidade como James Wentworth e assume a aparência de um cavalheiro. Os modos refinados e as novas roupas o ajudam a ser aceito socialmente. Porém, somente quando passa a portar o nome de Henrique Dunbar que passa a viver inegavelmente como um *gentleman*.

No coração do crime cometido por Wilmot está o desejo de vingança, isto é, a possibilidade de vingar a injustiça cometida no passado. Para efetivar a vingança é necessário o disfarce. É tomando o lugar do outro, se fazendo passar por ele, que a sua vingança chega a termo. O disfarce também sustenta a tensão da narrativa, pois se descoberto conduz à revelação da verdadeira autoria do crime. Portanto, disfarce e reconhecimento têm papel fundamental na trama e na produção de tensão na narrativa.

A vida do falso Dunbar dá ensejo a várias críticas sociais. A primeira delas envolve certa interpretação da justiça, atravessada pela pertença de classe dos agentes sociais. Wilmot sofre as consequências de seus erros, é excluído da sociedade respeitável, mas Dunbar tem uma nova oportunidade, mesmo que os dois tenham cometido o mesmo crime. Essa crítica ao modo como o indivíduo, a depender de sua posição social, é tratado pela justiça pode ser percebida em um comentário feito pelo personagem Clemente Austin quando ele ainda não sabia da troca de identidades.

Se fosse permitido ao assassino daquele pobre homem, viver, prosperar, e ser o altivo proprietário de Maudesley Abbey e sócio principal de uma importante casa [...] seria isto o mesmo que premiar o crime praticado pelas classes elevadas da sociedade. Se Dunbar fosse simplesmente um desgraçado morrendo de fome, que em um momento de loucura e de furor, ocasionados pelas desigualdades da vida, tivesse erguido o braço descarnado para ferir o irmão rico e opulento, a fim de obter um pedaço de pão, todos os agentes da polícia correriam como galgos atrás do fugitivo até obterem as provas necessárias para o entregarem ao carrasco (Braddon, 1879, vol. II, p. 144).

Se José Wilmot tivesse sido acusado pela morte de Henrique Dunbar no momento do crime e a troca de identidades não tivesse ocorrido, provavelmente Wilmot teria sido condenado com facilidade e sem a comoção popular que ajudou a absolver Henrique Dunbar. Dessa forma, o leitor é induzido a compreender que a pertença social de José Wilmot o impediria ter uma vida digna, enquanto os privilégios de Henrique Dunbar o ajudaram a viver acima da lei. Aos poucos o personagem ganha complexidade, dificultando considerá-lo tão somente um vilão, pois sua “biografia” permite refletir sobre diversos temas, como a precária reintegração social de criminosos, principalmente aqueles que pertenciam às camadas sociais mais baixas.

Porque desta vez, Braddon está atraindo a ira da crítica ainda mais ao proteger o assassino e usurpador e ajudá-lo a escapar das mãos da polícia. A moral range, portanto, esnobando o policial profissional e apontando o dedo para a pena de morte, então em pleno debate (a pena de morte por enforcamento será abolida em 1868). Assim, mesmo que sejamos levados a acreditar que ‘a retribuição raramente falha em alcançar aqueles que praticam o mal’ (10), ou mesmo que ‘a providência está à espreita dos homens ímpios’ (289), em Braddon o crime compensa, especialmente quando alguém troca sua identidade pela de um banqueiro rico (Talairach-Vielmas, 2011, p. 217. Tradução nossa).¹²

No romance de Mary Elizabeth Braddon não só o crime compensa, como também há uma tentativa de justificar esse crime pelo doloroso passado do personagem. José Wilmot não seria vítima da sociedade e das circunstâncias? Após pagar por seu crime na prisão não merecia o direito de arrependimento e a reintegração social? A problematização da pena de morte e da reabilitação dos criminosos está presente na narrativa, levantando a questão sobre uma nova chance. As considerações de Margarida no penúltimo capítulo corroboram a importância dessa discussão, interpretada à luz do arrependimento cristão em uma Inglaterra protestante: “Se meu pai não tivesse escapado ao castigo e fosse enforcado, teria morrido impenitente. Deus compadeceu-se dele e deu-lhe tempo de se arrepender” (Braddon, 1879, vol. II, p. 262).

Se no início da trama a ideia de Wilmot ser preso e condenado pelo crime parece correta, no final essa perspectiva muda, com o personagem escapando de ser preso. Outros personagens reiteram o discurso sobre a condenação de Wilmot, chegando a torcer para que o criminoso não seja pego. Clemente Austin manifesta também a crença de que era preferível o arrependimento ao invés do enforcamento:

Não ousara meter-me entre Wilmot e o castigo dos seus crimes, porém não agradecia menos à Providência ter-lhe permitido escapar à horrível sorte que o esperava. E quanto ao miserável, os anos de remorsos e a penitência servir-lhe-iam melhor de expiação do que a curta agonia e as poucas contorções que tornam tão agradável a execução da pena última aos olhos da população (Braddon, 1879, vol. II, p. 245).

De certa forma, pode-se dizer que o fracasso do detetive Henrique Carter em prender José Wilmot está diretamente ligado à possibilidade de redenção do personagem principal, permitindo entender que sua prisão significaria a pena de morte. Parece haver nesse romance de Braddon certo resquício das prerrogativas do romance de *Newgate*, que tentava produzir a simpatia do leitor para com o criminoso. José Wilmot havia sido, afinal de contas, um preso da ilha de Norfolk, vivia atormentado pelo remorso, pelo

¹² “Car cette fois-ci, Braddon s’attire encore plus les foudres de la critique en protégeant le meurtrier et usurpateur et en l’aidant à glisser entre les doigts de la police. La morale grince, donc, faisant un pied de nez au policier professionnel et pointant du doigt la peine capitale, alors en plein débat (la peine de mort par pendaison sera abolie en 1868). Ainsi, même si l’on nous fait croire que ‘retribution seldom fails to overtake those who do wrong’ (10), ou bien que ‘Providence lies in wait for wicked men’ (289), chez Braddon le crime paie, surtout lorsque l’on troque son identité contre celle d’un riche banquier”

pesadelo de seu crime ser descoberto e pelo medo de ser pego. Suas falhas são capazes de provocar pena e comoção da mesma maneira que os protagonistas das narrativas de das *Newgate Novels* dos anos 1830.

A problemática sobre o sistema penal, a punição e a justiça social já estava presente no romance *Paul Clifford* de Edward Bulwer Lytton, considerado o primeiro romance de *Newgate*. Para Pykett (2003), no romance de Lytton há uma conclusão de que o crime seria tanto uma “construção social como o produto das condições sociais” (Pykett, 2003, p. 23).

Paul Clifford é, entre outras coisas, uma investigação de crime e punição e um ataque ao código legal e penal não revisado. Procura desafiar as suposições de seus leitores sobre a natureza e as causas do crime e as medidas de punição, demonstrando que os sistemas legais e penais da época de Clifford eram opressivos, corruptos, desumanos e ineficazes (Pykett, 2003, p. 22. Tradução nossa).¹³

O romance de Mary Elizabeth Braddon parece seguir caminho similar, questionando a ineficiência e a desumanidade do sistema judiciário da Inglaterra, demonstrando, aparentemente, que a justiça, entre a publicação de *Paul Clifford* e *Um crime misterioso*, parecia ter mudado muito pouco.

O protagonista de *Um crime misterioso* passa por uma transformação não apenas identitária, mas também social. Foram necessárias cinco mudanças de identidade para que José Wilmot chegasse ao final do romance como Sr. Wilson, alguém honrado pelos seus pares. A trajetória de Wilmot, de falsificador a cidadão respeitado socialmente, é acompanhada pela mudança de nome.¹⁴

O desfecho da narrativa, que não passa pela justiça penal, também está associado ao que Pykett (2003) comenta sobre as tramas de romances de sensação terem desfechos envolvendo tão somente o domínio da vida privada: “Os romances de sensação não terminam no tribunal ou na prisão. O crime é tratado na e pela família” (Pykett, 2003, p. 34. Tradução nossa).¹⁵

Se não fosse o envolvimento do detetive Carter, o crime cometido por José Wilmot jamais teria sido solucionado e o segredo da identidade do personagem teria se mantido restrito a ele e sua filha. Ainda assim, o caso foi dado por encerrado, não totalmente resolvido e não houve punição da justiça para o criminoso: “O assassinato de Winchester ficou esquecido entre outros mistérios horríveis que nunca são resolvidos inteiramente. Se por acaso alguém falar de Wilmot, logo dizem que foi para a América e até há quem afirme tê-lo encontrado lá” (Braddon, 1879, vol. II, p. 263). Desse modo, o desfecho da narrativa se dá na esfera familiar, já que após a morte de seu pai, Margarida

¹³ “*Paul Clifford* is, among other things, an investigation of crime and punishment, and an attack on the unreformed legal and penal code. It seeks to challenge its readers’ assumptions about the nature and causes of crime and their prescriptions for punishment by demonstrating that the legal and penal systems of Clifford’s day were oppressive, corrupt, inhumane and ineffective.”

¹⁴ José Wilmot - Nome verdadeiro, associado ao criminoso, falsificador.

James Wentworth - Nome inventado após a fuga da prisão de Norfolk, é tido como um pária social.

Henrique Dunbar - Nome utilizado após a troca de identidade com vistas a se vingar e se tornar milionário, angariando dignidade social.

Major Vallance \Vernon - Nome utilizado para despistar a polícia.

Sr. Wilson - Nome inventado após a fuga, morre como um homem respeitável e rico.

¹⁵ “sensation novels do not end in the courtroom or the prison. Crime is dealt with in and by the family.”

resolve se casar com Clemente e tornar-se amiga de Laura Dunbar (Lady Jocelyn). O epílogo narrado por Austin retrata um cenário de perfeita harmonia entre as duas mulheres.

Fomos visitar Philippe e Lady Jocelyn que, quando estão no condado de Warwick ocupam ou o Rock, ou a abadia. Lady Jocelyn é muito afeiçoada a minha mulher, cuja história ignora. É uma senhora encantadora e generosa, verdadeiro coração de ouro, a quem todos estimam e que seu marido idolatra. [...] Minha mulher está sentada a seu lado, e o menino Philippe Jocelyn, que está em férias, percorre a cavalo a campina em todas as direções, com muita alegria do meu filho e herdeiro, que tem cinco anos. Somos muito felizes (Braddon, 1879, vol. II, p. 262).

A trama de *Um crime misterioso* de Mary Elizabeth Braddon se encerra com os crimes quase completamente relegados ao passado e, principalmente, com a recompensa de uma das protagonistas por ter ajudado o criminoso a se arrepender, afinal é Margarida e sua dedicação que ajudam Wilmot a morrer como um homem honrado. Assumindo o sobrenome Austin, ela é recompensada após todo sofrimento ocasionado por seu pai e a ordem doméstica é restabelecida com a felicidade conjugal da personagem. Clemente Austin também é recompensado, tornando-se sócio da casa bancária. Apesar disso, há uma cicatriz deixada pelo passado: “O segredo da história de minha mulher está sepultado em nossos corações; capítulo sombrio do romance da vida que pessoa alguma lerá neste mundo” (Braddon, 1879, vol. II, p. 263). Portanto, independente do final feliz, nas tramas de romances de sensação sempre haverá um véu que cobrirá os segredos, mistérios, disfarces e traumas de um núcleo familiar.

Considerações finais

Aristóteles por certo consideraria Mary Elizabeth Braddon uma grande artífice do reconhecimento e da peripécia se porventura tivesse lido seus romances. Os disfarces dos personagens se espraiam pela narrativa, mantendo o suspense necessário e o tensionamento do enredo. A intervenção do acaso e as peripécias sucessivas, aprisionam o leitor aflito com o destino dos personagens.

Essas estratégias narrativas milenares desagradaram e ainda desagradam a crítica literária, avessa aos disfarces, às intervenções do acaso e às peripécias sucessivas. Mas é preciso reconhecer que o sucesso da escritora britânica em seu próprio país, assim como sua circulação além mar, fazem crer que isso não era um problema para os leitores de seus mais de oitenta romances publicados naquele meados do século XIX.

Se porventura quiséssemos saber quais as preferências dos leitores do passado, sem dúvida alguma teríamos que nos debruçar sobre os grandes *best-sellers*. E de fato é possível afirmar que Mary Elizabeth Braddon fez parte desse grupo de autores capaz de encantar um público leitor bem alargado, diríamos até mais alargado do que muitos autores de nossa própria época.

Contudo, por qual razão esses *best-sellers* do passado interessariam ao pesquisador do século XXI? Se de um lado o gênero romance por certo forjou muito do imaginário europeu do Oitocentos sobre o então dito “Novo Mundo”, de outro também

forjou o olhar dos habitantes desse “Novo Mundo” acerca do que ocorria do outro lado do Atlântico.

Talvez não consigamos saber exatamente como os leitores de Belém do Pará interpretaram as inúmeras narrativas de ficção estrangeiras que aportaram nas livrarias, bibliotecas e periódicos da cidade. Entretanto, parece ser possível afirmar que, lendo *Henry Dunbar: Um crime misterioso*, de Mary Elizabeth Braddon, talvez pudessem desconfiar de que no Império Britânico a justiça não funcionava muito bem. Talvez até não pensassem nas injustiças sociais e em sua relação com o sistema judiciário; nos privilégios dos ricos etc. Em suma, talvez não pensassem em nada disso, mas ganhassem muito gosto em ler essas narrativas empolgantes, atravessadas pelo suspense e pela aventura. Quem sabe até essas narrativas pudessem servir de modelo a leitores que porventura desejassem também se dedicar à escrita, como ocorreu com José de Alencar.

Se no campo dos leitores do passado esbarramos em suposições inúmeras, no que concerne ao leitor do presente, o acesso aos exemplares dos romances de sensação permitem refletir sobre as estreitas relações desse gênero com aquele que historicamente o sucederia: o romance policial. O crime, o criminoso e sua investigação já presentes nos romances de sensação ganharam centralidade e importância nesse novo gênero. Porém, a história do romance policial frequentemente irá apagar as autoras de *sensation novels* também responsáveis por forjar suas matrizes narrativas.

Referências:

AUGUSTI, Valéria. Coleções editoriais de baixo custo e traduções de romances franceses no acervo do Grêmio Literário Português do Pará. *Letras*, [S. l.], n. 47, p. 21–36, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11753>. Acesso em: 28 nov. 2024.

AUGUSTI, Valéria. **Considerações sobre a constituição do acervo do Grêmio Literário Português de Belém do Pará**. Campinas, SP: Unicamp/FE; ALB, 2009.

BLACK, Joel. Crime fiction and the literary canon. In: RZEPKA, Charles J.; HORSLEY, Lee (Eds.). **A companion to crime fiction**. Wiley-Blackwell, 2010. p. 76-89.

BRADDON, Mary Elizabeth. **Um crime misterioso**. Volume I. Tradução de J. M. Cunha Moniz. Lisboa, 1879.

BRADDON, Mary Elizabeth. **Um crime misterioso**. Volume II. Tradução de J. M. Cunha Moniz. Lisboa, 1879.

HUGHES, Winifred. The Sensation Novel. In: BRANTLINGER, Patrick; THESING, William B. **A companion to the Victorian novel**. Blackwell Publishers, 2002.

PYKETT, Lyn. Mary Elizabeth Braddon. In: GILBERT, Pamela K. (Ed.). **A companion to sensation fiction**. John Wiley & Sons, 2011.

PYKETT, Lyn. The Newgate novel and sensation fiction, 1830–1868. In: PRIESTMAN, Martin. **The Cambridge companion to crime fiction**. New York: Cambridge University Press, 2003.

RODRIGUES, Almir. Prosa de ficção nas páginas do *Diário de Belém* (1860-1900). **Abralic – XIV Congresso internacional. Fluxos e Correntes trânsitos e traduções literárias**. Anais Eletrônicos. 29 de junho a 03 de julho de 2015. Belém. p. 1-9.

SCHAPOCHINK, Nelson. **Os jardins das delícias**: gabinetes literários, bibliotecas e figuras da leitura na corte imperial. Tese de Doutorado da FFLCH - USP, 1999.

SHOVE, Raymond. **Cheap book production in the United States, 1870 to 1891**. Urbana, Illinois: University of Illinois Library, 1937.

TALAIRACH-VIELMAS, Laurence. **Mary Elizabeth Braddon: Henry Dunbar**. *Cahiers victoriens et édouardiens* [En ligne], 73 Printemps, 2011, p. 217-219. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/cve/2235>> Acesso em: 19 de novembro de 2024.

WATERS, Sarah. Introduction. In: BRADDON, Mary. **The trail of the serpent**. New York\Toronto: Modern Library, 2003.